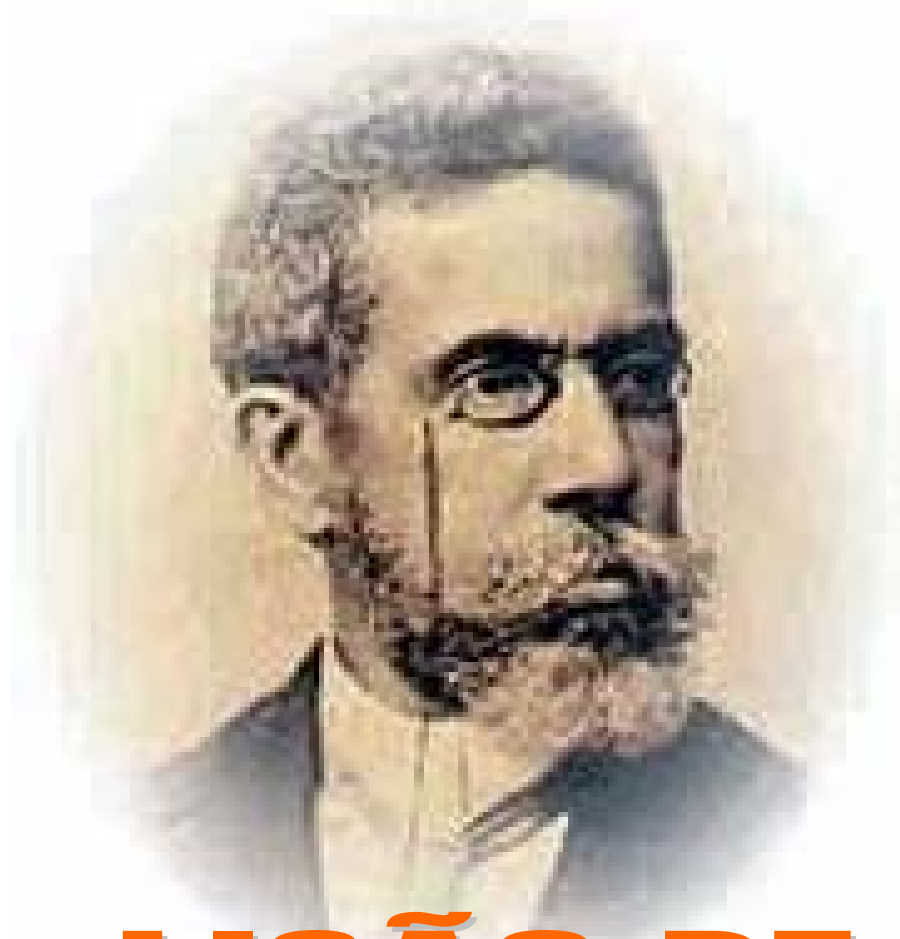
Biblioteca
Virtualbooks

LIÇÃO DE BOTÂNICA

MACHADO DE ASSIS

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet, através da Virtualbooks.

A VirtualBooks gostaria de receber suas críticas e sugestões sobre suas edições. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br** Estamos à espera do seu e-mail.

Sobre os Direitos Autorais:

Fazemos o possível para certificarmo-nos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se alguém suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: por favor, avise-nos pelo e-mail: vbooks03@terra.com.br para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.

www.virtualbooks.com.br/

Virtual Books Online M&M Editores Ltda.
Rua Benedito Valadares, 429 – centro
35660-000 Pará de Minas - MG

PERSONAGENS

D. Helena
D. Leonor
D. Cecília
Barão Segismundo de Kernoberg

Lugar da cena: Andaraí

ATO ÚNICO

Sala em casa de D. Leonor. Portas ao fundo, uma à direita do espectador

CENA I

D. Leonor, D. Helena, D. Cecília
D. Leonor entra, lendo uma carta, D. Helena e D. Cecília entram no fundo.

D. HELENA - Já de volta!
D. CECÍLIA *(a D. Helena, depois de um silÊncio)* - Será alguma carta de namoro?
D. HELENA *(Baixo)* - Criança!
D. LEONOR - Não me explicarão isto?
D. HELENA - Que é?
D. LEONOR - Recebi ao descer do carro este bilhete: "Minha senhora. Permita que o mais respeitoso vizinho lhe peça dez minutos de atenção. Vai nisto um grande interesse da ciência". Que tenho eu com a ciência?
D. HELENA - Mas de quem é a carta?
D. LEONOR - Do Barão Sigismundo de Kernoberg.
D. CECÍLIA - Ah! o tio de Henrique!

D. LEONOR - De Henrique! Que familiaridade é essa?
D. CECÍLIA - Titia, eu...
D. LEONOR Eu que?... Henrique!
D. HELENA - Foi uma maneira de falar na ausência. Com que então o Sr. Barão Sigismundo de Kernoberg pede-lhe dez minutos de atenção, em nome e por amor da ciência. Da parte de um botânico é por força alguma égloga.
D. LEONOR - Seja o que for, não sei se deva receber um senhor a quem nunca vimos. Já o viram alguma vez?
D. CECÍLIA - Eu nunca.
D. HELENA - Nem eu.
D. LEONOR - Botânico e sueco: duas razões para ser gravemente aborrecido. Nada, não estou em casa.
D. CECÍLIA - Mas, quem sabe, titia, se ele quer pedir-lhe... sim... um exame no nosso jardim?
D. LEONOR - Há por todo esse Andaraí muito jardim para examinar.
D. HELENA - Não, senhora, há de recebê-lo.
D. LEONOR - Por que?
D. HELENA - Porque é nosso vizinho, porque tem necessidade de falar-lhe, e, enfim, porque, a julgar pelo sobrinho, deve ser um homem distinto.
D. LEONOR - Não me lembrava do sobrinho. Vá lá; aturemos o botânico. *(Sai pela porta do fundo, à esquerda).*

CENA II

D. HELENA, D. CECÍLIA

D. HELENA - Nã$_0$ me agradece?
D. CECÍLIA - O que?
D. HELENA - Sonsa! Pois não adivinhas o que vem cá fazer o Barão?
D. CECÍLIA - Não.
D. HELENA - Vem pedir a tua mão para o sobrinho.
D. CECÍLIA - Helena!
D. HELENA *(imitando-a)* - Helena!
D. CECÍLIA - Juro...
D. HELENA - Que o não amas.
D. CECÍLIA - Não é isso.
D. HELENA - Que o amas?
D. CECÍLIA - Também não.
D. HELENA - Mau! Alguma coisa há de ser. *Il faut qu'une porte*

soit ouverte ou fermée. Porta neste caso é coração. O teu coração há de estar fechado ou aberto...
D. CECÍLIA - Perdi a chave.
D. HELENA *(rindo)* - E não o podes fechar outra vez. São assim todos os corações ao pé de todos os Henriques. O teu Henrique viu a porta aberta, e tomou posse do lugar. Não escolheste mal, não; é um bonito rapaz.
D. CECÍLIA - Oh! uns olhos!
D. HELENA - Azuis.
D. CECÍLIA - Como o céu.
D. HELENA - Louro...
D. CECÍLIA - Elegante...
D. HELENA - Espirituoso...
D. CECÍLIA - E bom...
D. HELENA - Uma pérola... *(Suspira).* Ah!
D. CECÍLIA - Suspiras?
D. HELENA - Que há de fazer uma viúva falando... de uma pérola?
D. CECÍLIA - Oh! tens naturalmente em vista algum diamante de primeira grandeza.
D. HELENA - Não tenho, não; meu coração já não quer jóias.
D. CECÍLIA - Mas as jóias querem o teu coração.
D. HELENA - Tanto pior para elas: hão de ficar em casa do joalheiro.
D. CECÍLIA - Veremos isso. *(Sobe).* Ah!
D. HELENA - Que é?
D. CECÍLIA *(olhando para a direita)* - Um homem desconhecido que lá vem; há de ser o Barão.
D. HELENA - Vou avisar titia. *(Sai pelo fundo, à esquerda).*

CENA III

D. Cecília, Barão

D. CECÍLIA - Será deveras ele? Estou trêmula... Henrique não me avisou de nada... Virá pedir-me?... Mas, não, não, não pode ser .... Tão moço?... *(O Barão aparece).*
BARÃO *(á porta, depois de profunda cortesia)* - Creio que a Excelentíssima Senhora D. Leonor Gouvêa recebeu uma carta... Vim sem esperar a resposta.
D. CECÍLIA - É o Sr. Barão Sigismundo de Kernoberg? *(O Barão faz um gesto afirmativo).* Recebeu. Queira entrar e sentar-se. *(À parte).* Devo estar vermelha...

BARÃO *(á parte, olhando para Cecília)*
- Há de ser esta.
D. CECÍLIA *(á parte)* - E titia não vem... Que demora!... Não sei que lhe diga... estou tão vexada... *(O Barão tira um livro da algibeira e folheia-o).* Se eu pudesse deixá-lo... É o que vou fazer. *(Sobe).*
BARÃO *(fechando o livro e erguendo-se)* - V. Excia. há de desculpar-me. Recebi hoje mesmo este livro da Europa; é obra que vai fazer revolução na ciência; nada menos que uma monografia das gramíneas, premiadas pela Academia de Stockholmo.
D. CECÍLIA - Sim? *(À parte)* Aturemo-lo, pode vir a ser meu tio.
BARÃO - As gramíneas têm ou não têm perianto? A principio adotou-se a negativa, posteriormente... V. Excia. talvez não conheça é o que é o perianto..
D. CECÍLIA - Não, senhor.
BARÃO - Perianto compõe-se de duas palavras gregas: *peri,* em volta, e *anthos,* flor.
D. CECÍLIA - O invólucro da flor.
BARÃO - Acertou. É o que vulgarmente se chama cálix. Pois as gramíneas eram tidas... *(Aparece D. Leonor* ao *fundo).* Ah!

CENA IV

Os mesmos, D. Leonor

D. LEONOR - Desejava falar-me?
BARÃO - Se me dá essa honra. Vim sem esperar resposta à minha carta. Dez minutos apenas.
D. LEONOR - Estou às suas ordens.
D. CECÍLIA - Com licença. *(À parte, olhando para o céu).* Ah! minha Nossa Senhora! *(Retira-se pelo fundo).*

CENA V

D. Leonor, Barão

(D. Leonor senta-se, fazendo um gesto ao Barão, que a imita).
BARÃO - Sou o Barão Sigismundo de Kernoberg, seu vizinho, botânico de vocação, profissão e tradição, membro da Academia de Stockholmo e comissionado pelo governo da

Suécia para estudar a flora da América do Sul. V. Excia. dispensa a minha biografia? *(D. Leonor faz um gesto afirmativo).* Direi somente que o tio de meu tio foi botânico, meu tio botânico, eu botânico, e meu sobrinho há de ser botânico. Todos somos botânicos de tios a sobrinhos. Isto de algum modo explica minha vinda a esta casa.
D. LEONOR - Oh! o meu jardim é composto de plantas vulgares.
BARÃO *(gracioso)* - É porque as melhores flores da casa estão dentro de casa. Mas V. Excia. engana-se; não venho pedir nada do seu jardim.
D. LEONOR - Ah!
BARÃO - Venho pedir-lhe uma coisa que lhe há de parecer singular.
D. LEONOR - Fale.
BARÃO - O padre desposa a igreja; eu desposei a ciência. Saber é o meu estado conjugal; os livros são a minha família. Numa palavra, fiz voto de celibato.
D. LEONOR - Não se case.
BARÃO - Justamente. Mas, V. Excia. compreende que, sendo para mim ponto de fé que a ciência não se dá bem com o matrimonio, nem eu devo casar, nem... Vossa Excia. já percebeu.
D. LEONOR - Coisa nenhuma.
BARÃO - Meu sobrinho Henrique anda estudando comigo os elementos da botânica. Tem talento, há de vir a ser um luminar da ciência. Se o casamos, está perdido.
D. LEONOR - Mas...
BARÃO *(á parte)* - Não entendeu. *(Alto).* Sou obrigado a ser mais franco. Henrique anda apaixonado por uma de suas sobrinhas, creio que esta que saiu daqui, há pouco. Impus-lhe que não voltasse a esta casa; ele resistiu-me. Só me resta um meio: é que V. Excia. lhe feche a porta.
D. LEONOR - Senhor Barão!
BARÃO - Admira-se do pedido? Creio que não é polido nem conveniente. Mas é necessário, minha senhora, é indispensável. A ciência precisa de mais um obreiro: não o encadeemos no matrimônio.
D. LEONOR - Não sei se devo sorrir do pedido...
BARÃO - Deve sorrir, sorrir e fechar-nos a porta. Terá os meus agradecimentos e as bênçãos da posteridade.
D. LEONOR - Não é preciso tanto; posso fechá-la de graça.
BARÃO - Justo. O verdadeiro benefício é gratuito.
D. LEONOR - Antes, porém, de nos despedirmos, desejava

dizer uma coisa e perguntar outra. *(O Barão curva-se).* Direi primeiramente que ignoro se há tal paixão da parte de seu sobrinho; em segundo lugar, perguntarei se na Suécia estes pedidos são usuais.
BARÃO - Na geografia intelectual não há Suécia nem Brasil; os países são outros: astronomia, geologia, matemáticas; na botânica são obrigatórios.
D. LEONOR - Todavia, à força de andar com flores... deviam os botânicos trazê-las consigo.
BARÃO - Ficam no gabinete.
D. LEONOR - Trazem os espinhos somente.
BARÃO - V. Excia. tem espírito. Compreendo a afeição de Henrique a esta casa. *(Levanta-se).* Promete-me então...
D. LEONOR *(levantando-se)* - Que faria no meu caso?
BARÃO - Recusava.
D. LEONOR - Com prejuízo da ciência?
BARÃO - Não, porque nesse caso a ciência mudaria de acampamento, isto é, o vizinho prejudicado escolheria outro bairro para seus estudos.
D. LEONOR - Não lhe parece que era melhor ter feito isso mesmo, antes de arriscar um pedido ineficaz?
BARÃO - Quis primeiro tentar fortuna.

CENA VI

D. Leonor, Barão, D. Helena

D. HELENA *(entra e para)* - Ah!
D. LEONOR - Entra, não é assunto reservado. O Sr. Barão de Kernoberg... *(Ao Barão)* É minha sobrinha Helena. *(À Helena)* Aqui o Sr. Barão vem pedir que o não perturbemos no estudo da botânica. Diz que o seu sobrinho Henrique está destinado a um lugar honroso na ciência, e... conclua, Sr. Barão.
BARÃO - Não convém que se case, a ciência exige o celibato.
D. LEONOR - Ouviste?
D. HELENA - Não compreendo...
BARÃO Uma paixão louca de meu sobrinho pode impedir que... Minhas senhoras, não desejo roubar-lhes mais tempo... Confio em V. Excia., minha senhora... Ser-lhe-ei eternamente grato. Minhas senhoras. *(Faz uma grande cortesia e sai).*

CENA VII

D. Helena, D. Leonor

D. LEONOR *(rindo)* - Que urso!
D. HELENA - Realmente...
D. LEONOR - Perdôo-lhe em nome da ciência. Fique com as suas ervas, e não nos aborreça mais, nem ele nem o sobrinho.
D. HELENA Nem o sobrinho?
D. LEONOR - Nem o sobrinho, nem o criado, nem o cão, se o houver, nem coisa nenhuma que tenha relação com a ciência. Enfada-te? Pelo que vejo, entre o Henrique e a Cecília há tal ou qual namoro?
D. HELENA - Se promete segredo... há.
D. LEONOR - Pois acabe-se o namoro.
D. HELENA - Não é fácil. O Henrique é um perfeito cavalheiro; ambos são dignos um do outro. Por que razão impediremos que dois corações...
D. LEONOR - Não sei de corações, não hão de faltar casamentos a Cecília.
D. HELENA - Certamente que não, mas os casamentos não se improvisam nem se projetam na cabeça; são atos do coração, que a igreja santifica. Tentemos uma coisa.
D. LEONOR - Que é?
D. HELENA - Reconciliemo-nos com o Barão.
D. LEONOR - Nada, nada.
D. HELENA - Pobre Cecília!
D. LEONOR - É ter paciência, sujeite-se às circunstâncias... *(A D. Cecília, que entra)* Ouviste?
D. CECÍLIA - O que, titia?
D. LEONOR - Helena te explicará tudo. *(A D. Heleno, baixo).* Tira-lhe todas as esperanças. *(Indo-se).* Que urso! que urso!

CENA VIII

D. Helena, D. Cecília

D. CECÍLIA - Que aconteceu?
D. HELENA - Aconteceu... *(Olha com tristeza para ela).*
D. CECÍLIA - Acaba.
D. HELENA - Pobre Cecília!
D. CECÍLIA - Titia recusou a minha mão?
D. HELENA - Qual! O Barão é que se opõe ao casamento.

D. CECÍLIA - Opõe-se!
D. HELENA Diz que a ciência exige o celibato do sobrinho. *(D. Cecília encosta-se a uma cadeira).* Mas, sossega; nem tudo está perdido; pode ser que o tempo...
D. CECÍLIA - Mas quem impede que ele estude?
D. HELENA - Mania de sábio. Ou então, evasiva do sobrinho.
D. CECÍLIA   Oh! não! é impossível; Henrique é uma alma angélica! Respondo por ele. Há de certamente opor-se a semelhante exigência...
D. HELENA - Não convém precipitar as coisas. O Barão pode zangar-se e ir-se embora.
D. CECÍLIA - Que devo então fazer?
D. HELENA - Esperar. Há tempo para tudo.
D. CECÍLIA - Pois bem, quando Henrique vier...
D. HELENA - Não vem, titia resolveu fechar a porta a ambos.
D. CECÍLIA - Impossível!
D. HELENA - Pura verdade. Foi uma exigência do Barão.
D. CECÍLIA - Ah! conspiram todos contra mim. *(Põe as mãos na cabeça).* Sou muito infeliz! Que mal fiz eu a essa gente? Helena, salva-me! Ou eu mato-me! Anda, vê se descobres um meio...
D. HELENA *(indo sentar-se)* - Que meio?
D. CECÍLIA *(acompanhando-a)* - Um meio qualquer que não nos separe!
D. HELENA - Há um.
D. CECÍLIA - Qual? Dize.
D. HELENA - Casar.
D. CECÍLIA - Oh! não zombes de mim! Tu também amaste, Helena; deves respeitar estas angustias. Não tornar a ver o meu Henrique é uma idéia intolerável. Anda, minha irmãzinha. *(Ajoelha-se inclinando o corpo sobre o regaço de D. Helena).* Salva-me! És tão inteligente, que hás de achar por força alguma idéia; anda, pensa !
D. HELENA *(beijando-lhe a testa)* -Criança! supões que seja tão fácil assim?
D. CECÍLIA - Para ti há de ser fácil.
D. HELENA - Lisonjeira! *(Pega maquinalmente no livro deixado pelo Barão sobre a cadeira).* A boa vontade não pode tudo; é preciso... *(Tem aberto o livro).* Que livro é este?... Ah! talvez do Barão.
D. CECÍLIA - Mas vamos... continua.
D. HELENA - Isto há de ser sueco... trata talvez de botânica. Sabes sueco?
D. CECÍLIA - Helena!

D. HELENA - Quem sabe se este livro pode salvar tudo? *(Depois de um instante de reflexão).* Sim, é possível. Tratará de botânica?
D. CECÍLIA - Trata.
D. HELENA - Quem te disse?
D. CECÍLIA - Ouvi dizer ao Barão, trata das...
D. HELENA - Das...
D. CECÍLIA - Das gramíneas?
D. HELENA - Só das gramíneas?
D. CECÍLIA - Não sei; foi premiado pela Academia de Stockholmo.
D. HELENA - De Stockholmo. Bem. *(Levanta-se).*
D. CECÍLIA *(levantando-se)* - Mas que é?
D. HELENA - Vou mandar-lhe o livro...
D. CECÍLIA - Que mais?
D. HELENA - Com um bilhete.
D. CECÍLIA *(olhando para a direita)* Não é preciso; lá vem ele.
D. HELENA - Ah!
D. CECÍLIA - Que vais fazer?
D. HELENA - Dar-lhe o livro.
D. CECÍLIA - O livro, e...
D. HELENA - E as despedidas.
D. CECÍLIA - Não compreendo.
D. HELENA - Espera e verás.
D. CECÍLIA - Não posso encará-lo; adeus.
D. HELENA - Cecília! *(D. Cecília sai).*

CENA IX

D. HELENA, BARÃO

BARÃO *(á porta)* - Perdão, minha senhora; eu trazia um livro há pouco...
D. HELENA *(com o livro na mão)* - Será este?
BARÃO *(caminhando para ela)* - Justamente.
D. HELENA - Escrito em sueco, penso eu...
BARÃO - Em sueco.
D. HELENA - Trata naturalmente de botânica.
BARÃO - Das gramíneas.
D. HELENA *(com interesse)* - Das gramíneas!
BARÃO - De que se espanta?
D. HELENA - Um livro publicado...
BARÃO - Ha quatro meses.

D. HELENA - Premiado pela Academia de Stockholmo?
BARÃO *(admirado)* - É verdade. Mas...
D. HELENA - Que pena que eu não saiba sueco!
BARÃO - Tinha noticia do livro?
D. HELENA - Certamente. Ando ansiosa por lê-lo.
BARÃO - Perdão, minha senhora. Sabe botânica?
D. HELENA - Não ouso dizer que sim, estudo alguma coisa; leio quando posso. É ciência profunda e encantadora.
BARÃO *(com calor)* - É a primeira de todas.
D. HELENA - Não me atrevo a apóia-lo, porque nada sei das outras, e poucas luzes tenho de botânica, apenas as que pode dar um estudo solitário e deficiente. Se a vontade suprisse o talento...
BARÃO - Por que não? *Le génie, c'est la patience,* dizia Buffon.
D. HELENA *(sentando-se)* - Nem sempre.
BARÃO - Realmente, estava longe de supor, que, tão perto de mim, uma pessoa tão distinta dava algumas horas vagas ao estudo da minha bela ciência.
D. HELENA - Da sua esposa.
BARÃO *(sentando)* - É verdade. Um marido pode perder a mulher, e se a amar deveras, nada a compensará neste mundo, ao passo que a ciência não morre... Morremos nós, ela sobrevive com todas as graças do primeiro dia, ou ainda maiores, porque cada descoberta é um encanto novo.
D. HELENA - Oh! tem razão!
BARÃO - Mas, diga-me V. Excia.: tem feito estudo especial das gramíneas?
D. HELENA - Por alto... por alto...
BARÃO - Contudo, sabe que a opinião dos sábios não admitia o perianto... *(D. Helena faz sinal afirmativo).* Posteriormente reconheceu-se a existência do perianto. *(Novo gesto de D. Helena).* Pois este livro refuta a segunda opinião.
D. HELENA - Refuta o perianto?
BARÃO - Completamente.
D. HELENA - Acho temeridade.
BARÃO - Também eu supunha isso... Li-o, porém, e a demonstração é claríssima. Tenho pena que não possa lê-lo. Se me dá licença, farei uma tradução portuguesa e daqui a duas semanas...
D. HELENA - Não sei se deva aceitar...
BARÃO - Aceite; é o primeiro passo para me não recusar segundo pedido.
D. HELENA - Qual?
BARÃO - Que me deixe acompanhá-la em seus estudos,

repartir o pão do saber com V. Excia. É a primeira vez que a fortuna me depara uma discípula. Discípula é, talvez, ousadia da minha parte...
D. HELENA - Ousadia, não; eu sei muito pouco; posso dizer que não sei nada.
BARÃO - A modéstia é o aroma do talento, como o talento é o esplendor da graça. V. Excia. possui tudo isso. Posso compará-la à violeta, - *Viola odorata* de Lineu, - que é formosa e recatada...
D. HELENA *(interrompendo)* - Pedirei licença à minha tia. Quando será a primeira lição?
BARÃO - Quando quiser. Pode ser amanhã. Tem certamente notícia da anatomia vegetal.
D. HELENA - Notícia incompleta.
BARÃO - Da fisiologia?
D. HELENA - Um pouco menos.
BARÃO - Nesse caso, nem a taxonomia, nem a fitografia...
D. HELENA - Não fui até lá.
BARÃO - Mas há de ir... Verá que mundos novos se lhe abrem diante do espírito. Estudaremos, uma por uma, todas as famílias, as orquídeas, as jasmíneas, as rubiáceas, as oleáceas, as narcíseas, as umbelíferas, as...
D. HELENA - Tudo, desde que se trata de flores.
BARÃO - Compreendo: amor de família.
D. HELENA - Bravo! um cumprimento!
BARÃO *(folheando o livro) - A* ciência os permite.
D. HELENA *(à parte)* - O mestre é perigoso. *(Alto).* Tinham-me dito exatamente o contrário; disseram-me que o Sr. Barão era... não sei como diga... era...
BARÃO - Talvez um urso.
D. HELENA - Pouco mais ou menos.
BARÃO - E sou.
D. HELENA - Não creio.
BARÃO - Por que não crê?
D. HELENA - Porque o vejo amável.
BARÃO - Suportável apenas.
D. HELENA - Demais, imaginava-o uma figura muito diferente, um velho macilento, melenas caídas, olhos encovados.
BARÃO - Estou velho, minha senhora.
D. HELENA - Trinta e seis anos.
BARÃO - Trinta e nove.
D. HELENA - Plena mocidade.
BARÃO - Velho para o mundo. Que posso eu dar ao mundo senão a minha prosa científica?

D. HELENA - Só uma coisa lhe acho inaceitável.
BARÃO - Que é?
D. HELENA - A teoria de que o amor e a ciência são incompatíveis.
BARÃO - Oh! isso...
D. HELENA - Dá-se o espírito à ciência e o coração ao amor. São territórios diferentes, ainda que limítrofes.
BARÃO - Um acaba por anexar o outro.
D. HELENA - Não creio.
BARÃO - O casamento é uma bela coisa, mas o que faz bem a uns, pode fazer mal a outros. Sabe que Mafoma não permite o uso do vinho aos seus sectários. Que fazem os turcos? Extraem o suco de uma planta, da família das papaveráceas, bebem-no, e ficam alegres. Esse licor, se nós o bebêssemos, matar-nos-ia. O casamento, para nós, é o vinho turco.
D. HELENA *(erguendo os ombros)* -Comparação não é argumento. Demais, houve e há sábios casados.
BARÃO - Que seriam mais sábios se não fossem casados.
D. HELENA - Não fale assim. A esposa fortifica a alma do sábio. Deve ser um quadro delicioso para o homem que despende as suas horas na investigação da natureza, fazê-lo ao lado da mulher que o ampara e anima, testemunha de seus esforços, sócia de suas alegrias, atenta, dedicada, amorosa. Será vaidade de sexo? Pode ser, mas eu creio que o melhor premio do mérito é o sorriso da mulher amada. O aplauso público é mais ruidoso, mas muito menos tocante que a aprovação doméstica.
BARÃO *(depois de um instante de hesitação e luta)* - Falemos da nossa lição.
D. HELENA - Amanhã, se minha tia consentir. *(Levanta-se).* Até amanhã, não?
BARÃO - Hoje mesmo, se o ordenar.
D. HELENA - Acredita que não perderei o tempo?
BARÃO - Estou certo que não.
D. HELENA - Serei acadêmica de Stockholmo?
BARÃO - Conto que terei essa honra.
D. HELENA *(cortejando)* - Até amanhã.
BARÃO *(o mesmo)* - Minha senhora! *(D. Helena sai pelo fundo, esquerda, o Barão caminha para a direita, mas volta para buscar o livro que ficara sobre a cadeira ou sofá).*

CENA X

Barão, D. Leonor

BARÃO *(pensativo)* - Até amanhã! Devo eu cá voltar? Talvez não devesse, mas é interesse da ciência... a minha palavra empenhada... O pior de tudo é que a discípula é graciosa e bonita. Nunca tive discípula, ignoro até que ponto é perigoso... Ignoro? Talvez não... *(Põe a mão no peito).* Que é isto?... *(Resoluto).* Não, sicambro! Não hás de adorar o que queimaste! Eia, volvamos às flores e deixemos esta casa para sempre. *(Entra D. Leonor).*
D. LEONOR *(vendo o Barão)* - Ah!
BARÃO - Voltei há dois minutos; vim buscar este livro. *(Cumprimentando).* Minha senhora!
D. LEONOR - Senhor Barão!
BARÃO *(vai até à porta e volta)* - Creio que V. Excia. não me fica querendo mal?
D. LEONOR - Certamente que não.
BARÃO *(cumprimentando)* - Minha senhora!
D. LEONOR *(idem)* - Senhor Barão!
BARÃO *(vai até à porta e volta)* - A senhora D. Helena não lhe falou agora?
D. LEONOR - Sobre que?
BARÃO - Sobre umas lições de botânica...
D. LEONOR - Não me falou em nada...
BARÃO *(cumprimentando)* - Minha senhora!
D. LEONOR *(idem)* - Senhor Barão! *(Barão sai).* Que esquisitão! Valia a pena cultivá-lo de perto.
BARÃO *(reaparecendo)* - Perdão...
D. LEONOR - Ah! Que manda?
BARÃO *(aproxima-se)* - Completo a minha pergunta. A sobrinha de V. Excia. falou-me em receber algumas lições de botânica; V. Excia. consente? *(Pausa).* Há de parecer-lhe esquisito este pedido, depois do que tive a honra de fazer-lhe há pouco...
D. LEONOR - Sr. Barão, no meio de tantas cópias e imitações humanas...
BARÃO - Eu acabo: sou original.
D. LEONOR - Não ouso dizê-lo.
BARÃO - Sou; noto, entretanto, que a observação de V. Excia. não responde à minha pergunta.
D. LEONOR - Bem sei; por isso mesmo é que a fiz.
BARÃO - Nesse caso...

D. LEONOR - Nesse caso, deixe-me refletir.
BARÃO - Cinco minutos?
D. LEONOR - Vinte e quatro horas.
BARÃO - Nada menos?
D. LEONOR - Nada menos.
BARÃO *(cumprimentando)* - Minha senhora!
D. LEONOR *(idem)* - Senhor Barão! *(Sai o Barão).*

CENA XI

D. Leonor, D. Cecília

D. LEONOR - Singular é ele, mas não menos singular é a idéia de Helena. Para que quererá ela aprender botânica?
D. CECÍLIA *(entrando)* - Helena! *(D. Leonor volta-se).* Ah! é titia.
D. LEONOR - Sou eu.
D. CECÍLIA - Onde está Helena?
D. LEONOR - Não sei, talvez lá em cima. *(D. Cecília dirige-se para o fundo).* Onde vais?...
D. CECÍLIA - Vou...
D. LEONOR - Acaba.
D. CECÍLIA - Vou concertar o penteado.
D. LEONOR - Vem cá; concerto eu. *(D. Cecília aproxima-se de D. Leonor).* Não é preciso, está excelente. Diz-me: estás muito triste?
D. CECÍLIA *(muito triste)* - Não, senhora; estou alegre.
D. LEONOR - Mas, Helena disse-me que tu...
D.CECÍLIA - Foi gracejo.
D. LEONOR - Não creio; tens alguma coisa que te aflige; hás de contar-me tudo.
D. CECÍLIA - Não posso.
D. LEONOR - Não tens confiança em mim?
D. CECÍLIA- Oh! toda!
D. LEONOR - Pois eu exijo... *(Vendo Helena, que aparece à porta do fundo, esquerda). Ah!* chegas a propósito.

CENA XII

D. Leonor, D. Cecília, D. Helena

D. HELENA - Para que?

D. LEONOR - Explica-me que historia é essa que me contou o Barão?
D. CECÍLIA *(com curiosidade)* - O Barão?
D. LEONOR - Parece que estás disposta a estudar botânica.
D. HELENA - Estou.
D. CECÍLIA *(sorrindo)* - Com o Barão?
D. HELENA - Com o Barão.
D. LEONOR - Sem o meu consentimento?
D. HELENA - Com o seu consentimento.
D. LEONOR - Mas de que te serve saber botânica?
D. HELENA - Serve para conhecer as flores dos meus *bouquets,* para não confundir jasmíneas com rubiáceas, nem bromélias com umbelíferas.
D. LEONOR - Com que?
D. HELENA - Umbelíferas.
D.LEONOR - Umbe...
D. HELENA - ... líferas. Umbelíferas.
D. LEONOR - Virgem santa! E que ganhas tu com esses nomes bárbaros?
D. HELENA - Muita coisa.
D. CECÍLIA *(à parte)* - Boa Helena! Compreendo tudo.
D. HELENA - O perianto, por exemplo; a senhora talvez ignore a questão do perianto... a questão das gramíneas...
D. LEONOR - E dou graças a Deus!
D. CECÍLIA *(animada)* - Oh! deve ser uma questão importantíssima!
D. LEONOR *(espantada)* - Também tu!
D. CECÍLIA - Só o nome! Perianto. É nome grego, titia, um delicioso nome grego. *(À parte).* Estou morta por saber do que se trata.
D. LEONOR - Vocês fazem-me perder o juízo! Aqui andam bruxas, de certo. Perianto de um lado, bromélias de outro; uma língua de gentios, avessa à gente cristã. Que quer dizer tudo isso?
D. CECÍLIA - Quer dizer que a ciência é uma grande coisa e que não há remédio senão adorar a botânica.
D. LEONOR - Que mais?
D. CECÍLIA - Que mais? Quer dizer que a noite de hoje há de estar deliciosa, e poderemos ir ao teatro lírico. Vamos, sim? Amanhã é o baile do conselheiro e sábado o casamento da Júlia Marcondes. Três dias de festas! Prometo divertir-me muito, muito, muito. Estou tão contente! Ria-se, titia; ria-se e dê-me um beijo!
D. LEONOR - Não dou, não, senhora. Minha opinião é contra a

botânica, e isto mesmo vou escrever ao Barão.
D. HELENA - Reflita primeiro; basta amanhã!
D. LEONOR - Há de ser hoje mesmo! Esta casa está ficando muito sueca; voltemos a ser brasileiras. Vou escrever ao urso. Acompanha-me, Cecília; hás de contar-me o que lia. *(Saem).*

CENA XIII

D. Helena, Barão

D. HELENA - Cecília deitou tudo a perder... Não se pode fazer nada com crianças... Tanto pior para ela. *(Pausa).* Quem sabe se tanto melhor para mim? Pode ser. Aquele professor não é assaz velho, como convinha. Além disso, há nele um ar de diamante bruto, uma alma apenas coberta pela crosta científica, mas cheia de fogo e luz. Se eu viesse a arder ou cegar... *(Levanta os ombros).* Que idéia! Não passa de um urso, como titia lhe chama, um urso com patas de rosas.
BARÃO *(aproximando-se)* - Perdão, minha senhora. Ao atravessar a chácara ia pensando no nosso acordo, e, sinto dizê-lo, mudei de resolução.
D. HELENA - Mudou
BARÃO *(aproximando-se)* - Mudei.
D. HELENA - Pode saber-se o motivo?
BARÃO - São três. O primeiro é o meu pouco saber... Ri-se?
D. HELENA - De incredulidade. O segundo motivo...
BARÃO - O segundo motivo é o meu
gênio áspero e despótico.
D. HELENA - Vejamos o terceiro.
BARÃO - O terceiro é a sua idade. Vinte e um anos, não?
D. HELENA - Vinte e dois.
BARÃO - Solteira?
D. HELENA - Viúva.
BARÃO - Perpetuamente viúva?
D. HELENA - Talvez.
BARÃO - Nesse caso, quarto motivo:
sua viuvez perpétua.
D. HELENA - Conclusão: todo o nosso acordo está desfeito.
BARÃO - Não digo que esteja; só por mim não o posso romper. V. Excia., porém, avaliará as razões que lhe dou, e decidirá se ele deve ser mantido.
D. HELENA - Suponha que respondo
afirmativamente. -

BARÃO - Paciência! obedecerei.
D. HELENA - De má vontade?
BARÃO - Não; mas com grande desconsolação.
D. HELENA - Pois, Sr. Barão, não desejo violentá-lo; está livre.
BARÃO - Livre, e não menos desconsolado.
D. HELENA - Tanto melhor!
BARÃO - Como assim?
D. HELENA - Nada mais simples: vejo que é caprichoso e incoerente.
BARÃO - Incoerente, é verdade.
D. HELENA - Irei procurar outro mestre.
BARÃO - Outro mestre! Não faça isso.
D. HELENA - Por que?
BARÃO -Porque... *(Pausa).* Vossa Excia. é inteligente bastante para dispensar mestres.
D. HELENA - Quem lho disse?
BARÃO - Adivinha-se.
D. HELENA - Bem; irei queimar os olhos nos livros.
BARÃO - Oh! seria estragar as mais belas flores do mundo!
D. HELENA *(sorrindo)* - Mas então nem mestres nem livros?
BARÃO - Livros, mas aplicação moderada. A ciência não se colhe de afogadilho; é preciso penetrá-la com segurança e cautela.
D. HELENA - Obrigada. *(Estendendo-lhe a mão).* E visto que me recusa as suas lições, adeus.
BARÃO - Já!
D. HELENA - Pensei que queria retirar-se.
BARÃO - Queria e custa-me. Em todo caso, não desejava sair sem que V. Excia. me dissesse francamente o que pensa de mim. Bem ou mal?
D. HELENA - Bem e mal.
BARÃO - Pensa então...
D. HELENA - Penso que é inteligente e bom, mas caprichoso e egoísta.
BARÃO - Egoísta!
D. HELENA - Em toda a força da expressão. *(Senta-se).* Por egoísmo - científico, é verdade, - opõe-se às afeições de seu sobrinho; por egoísmo, recusa-me as suas lições. Creio que o Sr. Barão nasceu para mirar-se no vasto espelho da natureza, a sós consigo, longe do mundo, e seus enfados. Aposto que - desculpe a indiscrição da pergunta - aposto que nunca amou?
BARÃO - Nunca.
D. HELENA - De maneira que nunca uma flor teve a seus olhos outra aplicação, além do estudo?

BARÃO - Engana-se.
D HELENA - Sim?
BARÃO - Depositei algumas coroas de goivos no túmulo de minha mãe.
D. HELENA - Ah!
BARÃO - Há em mim alguma coisa mais do que eu mesmo. Há a poesia das afeições por baixo da prova científica. Não a ostento, é verdade; mas sabe V. Excia. o que tem sido a minha vida? Um claustro. Cedo perdi o que havia mais caro: a família. Desposei a ciência, que me tem servido de alegrias, consolações e esperanças. Deixemos, porém, tão tristes memórias.
D. HELENA - Memórias de homem; até aqui eu só via o sábio.
BARÃO - Mas o sábio reaparece e enterra o homem. Volto à vida vegetativa... se me é lícito arriscar um trocadilho em português, que eu não sei bem se o é. Pode ser que não passe de aparência. Todo eu sou aparências, minha senhora, aparências de homem, de linguagem e até de ciência...
D. HELENA - Quer que o elogie?
BARÃO - Não; desejo que me perdoe.
D. HELENA - Perdoar-lhe o que?
BARÃO - A incoerência de que me acusava há pouco.
D. HELENA - Tanto perdôo que o imito. Mudo igualmente de resolução, e dou de mão ao estudo.
BARÃO - Não faça isso!
D HELENA - Não lerei uma só linha de botânica, que é a mais aborrecível ciência do mundo.
BARÃO - Mas o seu talento...
D. HELENA - Não tenho talento; tinha curiosidade.
BARÃO - É a chave do saber.
D. HELENA - Que monta isso? A porta fica tão longe!
BARÃO - É certo, mas o caminho é de flores.
D. HELENA - Com espinhos.
BARÃO - Eu lhe quebrarei os espinhos.
D. HELENA - De que modo?
BARÃO - Serei seu mestre.
D. HELENA *(levanta-se)* - Não! Respeito *os* seus escrúpulos. Subsistem, penso
eu, os motivos que alegou. Deixe-me ficar na minha ignorância.
BARÃO - É a última palavra de Vossa Excia.?
D. HELENA - Última.
BARÃO *(com ar de despedida)* - Nesse caso... aguardo as suas ordens.

D. HELENA - Que se não esqueça de nós.
BARÃO - Crê possível que me esquecesse?
D. HELENA - Naturalmente: um conhecimento de vinte minutos...
BARÃO - O tempo importa pouco ao caso. Não me esquecerei nunca mais destes vinte minutos, os melhores da minha vida, os primeiros que hei realmente vivido. A ciência não é tudo, minha senhora. Há alguma coisa mais, além do espírito, alguma coisa essencial ao homem, e...
D. HELENA - Repare, Sr. Barão, que está falando à sua ex-discípula.
BARÃO - A minha ex-discípula tem coração, e sabe que o mundo intelectual é estreito para conter o homem todo; sabe que a vida moral é uma necessidade do ser pensante.
D. HELENA - Não passemos da botânica à filosofia, nem tanto à terra, nem tanto ao céu. O que o Sr. Barão quer dizer, em boa e mediana prosa, é que estes vinte minutos de palestra não o enfadaram de todo. Eu digo a mesma coisa. Pena é que fossem só vinte minutos, e que o Sr. Barão volte às suas amadas plantas; mas é força ir ter com elas, não quero tolher-lhe os passos. Adeus! *(Inclinando-se como a despedir-se).*
BARÃO *(cumprimentando)* - Minha senhora! *(Caminha até à porta e pára).* Não transporei mais esta porta?
D. HELENA - Já a fechou por suas próprias mãos.
BARÃO - A chave está nas suas.
D. HELENA *(olhando para* as *mãos)* -Nas minhas?
BARÃO *(aproximando-se)* - Decerto.
D. HELENA - Não a vejo.
BARÃO - É a esperança. Dê-me a esperança de que...
D. HELENA *(depois de uma pausa)* - A esperança de que...
BARÃO - A esperança de que... a esperança de...
D. HELENA *(que tem tirado uma flor de um vaso)* - Creio que lhe será mais fácil definir esta flor.
BARÃO - Talvez.
D. HELENA - Mas não é preciso dizer mais: adivinhei-o.
BARÃO *(alvoroçado)* - Adivinhou?
D. HELENA - Adivinhei que quer a todo o transe ser meu mestre.
BARÃO *(friamente)* - É isso.
D. HELENA - Aceito.
BARÃO - Obrigado.
D. HELENA - Parece-me que. ficou triste?...
BARÃO - Fiquei, pois que só adivinhou metade do meu pensamento. Não adivinhou que eu... por que o não direi? di-

lo-ei francamente... Não adivinhou que...
D. HELENA - Que...
BARÃO *(depois de alguns esforços para falar) - Nada...* nada...
D. LEONOR *(dentro)* - Não admito!

CENA XIV

D. Helena, Barão, D. Leonor, D. Cecília

D. CECÍLIA *(entrando pelo fundo com D. Leonor)* - Mas titia...
D. LEONOR - Não admito, já disse! Não te faltam casamentos. *(Vendo o Barão).* Ainda aqui!
BARÃO - Ainda e sempre, minha senhora.
D. LEONOR - Nova originalidade.
BARÃO - Oh! não! A coisa mais vulgar do mundo. Refleti, minha senhora, e venho pedir para meu sobrinho a mão de sua encantadora sobrinha. *(Gesto de Cecília).*
D. LEONOR - A mão de Cecília!
D. CECÍLIA - Que ouço!
BARÃO - O que eu lhe pedia há pouco era uma extravagância, um ato de egoísmo e violência, além de descortesia que era, e que V. Excia. me perdoou, atendendo à singularidade das minhas maneiras. Vejo tudo isso agora...
D. LEONOR - Não me oponho ao casamento, se for do agrado de Cecília.
D. CECÍLIA *(baixo, a D. Helena)* Obrigada! Foste tu...
D. LEONOR - Vejo que o Sr. Barão refletiu.
BARÃO - Não foi só reflexão, foi também resolução.
D. LEONOR - Resolução?
BARÃO *(gravemente)* - Minha senhora, atrevo-me a fazer outro pedido.
D. LEONOR - Ensinar botânica à Helena? Já me deu vinte e quatro horas para responder.
BARÃO - Peço-lhe mais do que isso; V. Excia. que é, por assim dizer, irmã mais velha de sua sobrinha, pode intervir junto dela para... *(Pausa).*
D. LEONOR - Para...
D. HELENA - Acabo eu. O que o Sr. Barão deseja é a minha mão.
BARÃO - Justamente!
D. LEONOR *(espantada)* - Mas... Não compreendo nada.
BARÃO - Não é preciso compreender; basta pedir.
D. HELENA - Não basta pedir; é preciso alcançar.

BARÃO - Não alcançarei?
D. HELENA - Dê-me três meses de reflexão.
BARÃO - Três meses é a eternidade
D. HELENA - Uma eternidade de noventa dias.
BARÃO - Depois dela, a felicidade ou o desespero?
D. HELENA *(estendendo-lhe a mão)* - Está nas suas mãos a escolha. *(A D. Leonor).* Não se admire tanto, titia; tudo isto é botânica aplicada.

****

JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS nasceu no Rio de Janeiro, a 21 de junho de 1839 e faleceu na mesma cidade, em 29 de setembro de 1908. Filho de mulato, brasileiro, e de branca, portuguesa; era gago, epiléptico, pobre, é por causa disto não pôde estudar em escolas e tornou-se um grande autodidata.

Colaborou na revista "Marmota Fluminense", foi aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional, onde conheceu seu protetor, Manuel Antonio de Almeida; foi revisor de provas na Editora Paula Brito e no "Correio Mercantil" e colaborador em vários jornais e revistas da época.

Na imprensa publicou vários contos, crônicas, folhetins, artigos de crítica, muitos dos quais assinados com pseudônimos: Platão, Gil, Lara, Dr. Semana, Job, M.A., Max Manassés e outros.

Casou-se em 1869 com D. Carolina Novais, que veio dar mais inspiração à sua vida literária. Em 1904, quando D. Carolina morreu, ainda inspirou o mais belo soneto de sua produção: "A Carolina", publicado no livro "Relíquias de Casa Velha"

"Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração de companheiro.
"Pulsa-lhe- aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs o mundo inteiro.
"Trago-te flores, - restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.
"Que eu, se tenho nos olhos malferidos

Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vívidos".

Foi o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, em 1897.

Poesias: "Crisálidas", (1864); "Falenas", "Americanas".

Romances: "Ressurreição", "A Mão e a Luva", "Helena", "Iaiá Garcia".

Contos: "Contos Fluminenses", "Histórias da Meia Noite", (1869).

Teatro: "Desencantos", "0 Caminho da Porta", "0 Protocolo", "Quase Ministro", "Os Deuses de Casaca". Crônicas e Críticas.
Fase Realista (de 1881 a 1908)

Poesias: "Ocidentais".

Romances: "Memórias Póstumas de Brás Cubas", "Quincas Borba", "Dom Casmurro", "Esaú e Jacó", "Memorial de Aires".
Contos: "Papéis Avulsos", "Histórias sem Data", "Várias Histórias", "Páginas Recolhidas", "Relíquias de Casa Velha".

Teatro: "Tu, só Tu, Puro Amor" "Não Consultes Médico", "Lição de Botânica", crônicas e críticas.

Machado de Assis é de estilo clássico e sóbrio, com frases curtas e bem construídas, vocabulário muito rico e construções sintáticas perfeitas. Sua obra é de análise de caracteres e seus tipos são inesquecíveis e verdadeiros. Em toda sua obra há uma preocupação pelo adultério, tentado ou consumado, e muito de filosofia: a filosofia do humanitismo, que é explicada no seu romance "Quincas Borba". Sua técnica de composição no romance é muito importante para a compreensão da obra: não há homogeneidade na extensão dos capítulos: ora curtos, ora longos, não existe normalmente a seqüência linear, isto é, muitas vezes um capítulo não tem um final de ação, que irá continuar não no imediatamente seguinte, mas em outro um pouco distante. Esta técnica procura prender a atenção do leitor até o fim do livro, o que realmente consegue.

Sem dúvida, trata-se do mais alto escritor brasileiro de todos os tempos, o primeiro escritor universal de nossa Literatura. De uns tempos para cá, sua obra vem sendo objeto de estudos em profundidade, sob ângulos vários, constituindo-se no maior acervo bio-bibliográfico que jamais suscitou um escritor nacional. Sobretudo, cumpre destacar-se, como a mais importante de sua obra, a parte de ficção - seus contos, verdadeiras obras-primas - e os romances a partir da fase que se Iniciou com as "Memórias Póstumas de Brás Cubas".

Machado de Assis não se filia a qualquer coisa, dando apenas vazão ao seu próprio sentimento de homem introspectivo. É possuidor de um estilo simples, sem nenhum artificialismo. A concisão é uma de suas mais eloqüentes características. Cuidou, em suas obras, mais do homem do que da paisagem. Não foi grande poeta. Inicialmente passou pelo romantismo e depois mostrou-se parnasiano. Para Machado de Assis o homem é egoísta, impassível diante da felicidade ou infelicidade do seu semelhante. 0 sofrimento é inerente à própria condição humana. 0 homem sonha com a felicidade, sem suspeitar que tudo é Ilusão. Machado aconselha então a solidão, o Isolamento, por não crer no solidarismo humano.

No teatro Machado de Assis se revela como tradutor, critico e comediógrafo. Como critico procurava exaltar os valores morais. Para ele, "a arte pode aberrar das condições atuais da sociedade para perder-se no mundo labiríntico das abstrações. 0 teatro é para o povo o que o Coro era para o antigo povo grego: uma iniciativa de moral e civilização."

E ainda foi além. Ressuscitando uma antiqualha dos Séculos XVII; inovou o soneto, dando-lhe a forma contínua do (Círculo Vicioso). Outra inovação: a alternância do octossílabo com o tetrassílabo, de que se utilizou nos versos a Artur de Oliveira. Combinado o octossílabo com o doclecassílabo, criou ainda o ritmo dos agrupamentos da Mosca Azul. E deu em 1885 uma incomparável lição de poesia quando, na ocasião comemorativa do centenário do Marquês de Pombal, publicou, sob o título de A Suprema Injúria, uma série de quatorze sonetos, onde não há dois iguais na sua forma.

Machado de Assis foi ainda um técnico do verso, o admirável tradutor de a primeira fase machadiana. 0 terceiro romance, Helena, jovem confrade, e escreve poesia, a quem devemos

pelo o que seria diferente da já representa uma evolução. Vai eclodir com as Memórias Póstumas de Brás Cubas.

No romance como na poesia, Machado de Assis ressente-se de influencia romântica nas primeiras obras: Ressurreição (1872), A Mão e a Luva (1875), Helena (1876) e Iaiá Garcia (1878). É toda romântica a concepção dos personagens e do entrecho; revela-se a personalidade do autor na preocupação mais acentuada do estudo dos caracteres. Mas as situações que arma, para os revelar, e a própria compreensão que deles tem, tudo trai a visão romântica, ainda que mitigada pela analise psicológica.

De Ressurreição, em que a narração e linear, a língua pobre, os caracteres de linhas definidas, a Iaiá Garcia, onde a narrativa é dotada de maior penetração, a língua se precisa e os caracteres já se mostram mais complexos, o progresso é significativo. 0 mais romanesco dos três é Helena, a confinar por vezes com a inverossimilhança.

Memórias Póstumas de Brás Cubas

Brás Cubas, já falecido, conta, do outro mundo, as suas memórias: "Expirei em 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos". Galhofando dos ascendentes, fala da própria genealogia. Assevera que morreu de pneumonia apanhada quando trabalhava num invento farmacêutico, um emplastro medicamentoso.

Virgília, sua ex-amante, que já não via há alguns anos, visitou-o nos últimos dias de vida. Narra Brás Cubas um delírio que teve durante a agonia: montado num hipopótomo foi arrebatado por unia extensa e gelada planície, até o alto de uma montanha, de onde divisa a sucessão dos séculos. Além dos pais, tiveram grande influência na educação do pequeno Brás Cubas três pessoas: tio João, homem de língua solta e vida galante; tio Ildefonso, cônego, piedoso e severo; Dona Emerenciana, tia materna, que viveu pouco tempo. Brás passou uma infância de menino traquinas, mimado demasiadamente pelo pai.

Aos dezessete anos apaixona-se por Marcela, dama espanhola, com quem teve as primeiras experiências amorosas. Para agradar Marcela, Brás começa a gastar demais, assumindo compromissos graves e endividando-se. Marcela gostava de jóias e Brás procurava fazer-lhe todos os gostos. "Marcela amou-me, diz Brás Cubas, durante quinze meses e onze contos de réis". Quando o pai tomou conhecimento dos esbanjamentos do filho, mandou-o para a Europa: "vais cursar uma Universidade", justificou. Em Coimbra, Brás segue o curso jurídico e bacharela-se. Depois, atendendo a um chamado do pai, volta ao Rio: a mãe estava moribunda. E, de fato, apenas chega ao Brasil, a mãe falece. Passando uns dias na Tijuca, conhece Eugênia, moça bonita, mas com um defeito na perna que a fazia coxear um pouco, com ela mantém um passageiro romance.

O pai de Brás tem duas, ambições para o filho: quer casá-lo e faze-lo deputado. Tudo faz para encaminhá-lo no rumo do casamento e procura aumentar o circulo de amigos influentes na política, a fim de preparar o caminho para o futuro deputado. Assim é que Brás Cubas é apresentado ao Conselheiro Dutra que promete ajudar ao jovem bacharel na pretendida ascensão política.

Brás nesta altura vem a conhecer Virgília, filha do Conselheiro Dutra, pela qual se apaixona. Parecia, com isso, que os sonhos do pai sobre Brás estavam prestes a realizar-se: bem encaminhado na política e quase noivo. Entretanto aconteceu um imprevisto: surge Lobo Neves que não somente lhe rouba a namorada, mas também cai nas boas graças do Conselheiro Dutra.

Vendo assim preterido o filho, o pai de Brás sente-se profundamente desapontado e magoado. Veio a falecer dali a alguns meses, de um desastre. Virgília casa-se com Lobo Neves e, pouco tempo depois, vê eleito Deputado o marido. Mas, na verdade, Virgília casara-se com Lobo Neves por interesse, e ama realmente a Brás Cubas. Virgília e Brás principiam a encontrar-se com freqüência e, em breve, tornam-se amantes. Lobo Neves adorava a esposa e nela confiava inteiramente. Aliás não tinha muito tempo para observar o que se passava, já que estava entregue totalmente à política.

Narra nesta altura Brás Cubas o encontro que teve com seu ex-colega de escola primária, Quincas Borba, que se tornara um infeliz mendigo de rua. Depois do encontro com Quincas, Brás percebe que o maltrapilho lhe roubara o relógio. Os encontros amorosos entre Virgília e Brás suscitam comentários e mexericos dos vizinhos, amigos e conhecidos. Por esse motivo, Brás propõe a Virgília a fuga para um lugar distante. Virgília, porém, pensa no marido que a ama e na família, e sugere "uma casinha só nossa", metida num jardim, em alguma rua escondida. A idéia parece boa a Brás, que sai remoendo a proposta: "uma casinha solitária, em alguma rua escura". Virgília e sua ex-empregada, chamada Dona Plácida, se encarregam de adornar a casa e, aparentemente, quem ali reside é Dona Plácida. Ali os dois amantes se encontram sem maiores embaraços, e sem despertarem suspeitas. Sucedeu que, de certa feita, por motivos políticos, Lobo Neves foi designado como presidente de uma província e, dessa forma, teria de afastar-se com a mulher. Brás fica desesperado e pede a Virgília que não o abandone.

Quando tudo parece sem solução, eis que surge Lobo Neves e, para agradar ao amigo da família, convida-o para acompanhá-lo como secretário. Brás aceita. Os mexericos se tornam mais intensos e Cotrim casado com Sabina, procura fazer ver ao cunhado que a viagem seria uma aventura perigosa. Mais por superstição do que pelos conselhos de Cotrim, Lobo Neves acaba não aceitando mais o cargo de presidente, porque o decreto de nomeação saíra publicado no Diário oficial num dia 13: Lobo Neves tinha pavor pelo número, um número fatídico. Lobo Neves recebe uma carta anônima denunciando os amores da esposa com o amigo. Isso faz com que os dois amantes se mostrem mais reservados, embora continuem encontrando-se na Gamboa (onde fica a casa de Dona Plácida).

Surge então um acontecimento que vem alterar a situação os personagens: Lobo neves é novamente nomeado presidente e, desta vez, parte para o interior do país levando consigo a esposa. Brás procura distrair-se e esquecer a separação.

A irmã Sabina, que vinha procurando "arranjar" um casamento para Brás, volta a insistir em seu objetivo. A candidata, uma moça prendada, chamava-se Nhá-loló. Mesmo sem entusiasmo, Brás aparenta interesse pela pretendente, mas

Nhá-loló vem a falecer durante urna epidemia. o tempo vai passando.

Mais por distração do que por idealismo, Brás procura um derivativo de suas decepções amorosas na política. Faz-se deputado e, na assembléia, vem a encontrar-se com Lobo Neves que havia voltado da província. Encontra-se também com Virgília, que não tinha já aquela beleza antiga que o havia atraído anteriormente. Assim, por desinteresse reciproco, chegam ao fim os amores de Brás e Virgília. Quincas Borba, o mendigo, reaparece e lhe restitui o relógio, passando a ser um freqüentador da casa de Brás.

Quincas Borba estava mudado: não era mais mendigo, recebera uma herança de um tio em Barbacena. Virara filósofo: havia inventado urna nova teoria filosófico-religiosa, o Humanitismo, e não falava noutra coisa. 0 próprio Brás Cubas passa a interessar-se muito pelas teorias de Quincas Borba. Morre, por esse tempo, o Lobo Neves, e Virgilia "chorou com sinceridade o marido, como o havia traído com sinceridade". Também vem a falecer Quincas, Borba, que havia enlouquecido completamente. Brás Cubas deixou este mundo pouco depois de Quincas Borba, por causa de urna moléstia que apanhara quando tratava de um invento seu, denominado " emplasto Brás Cubas".

E o livro conclui:

"Imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria".

Fato narrativo em primeira pessoa; posição trans-temporal, a narrativa acompanha os vaivéns da memória do narrador defunto.

Quebra da unidade estrutural da narrativa: - forma livre, estrutura fragmentada, ausência de um fio lógico e ausência de um conflito central.

Drama da irremediável tolice humana. Brás Cubas tudo tentou e nada deixou. A vida moral e afetiva é superada pela biologicamente satisfeita. Acomodação cínica ao erro, ou

melhor, a justificação moral interior racionalizada. Pessimismo (influência de Sterne, Schopenhauer, Darwin e Voltaire).

Segundo o Professor Alfredo Bosi :

"Memórias Póstumas de Brás Cubas" opera um salto qualitativo na Literatura Brasileira. "A revolução dessa obra, que parece cavar um poço entre dois mundos, foi uma revolução ideológica e formal: aprofundando o desprezo às idealizações românticas e ferindo o cerne do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga, Machado deixou emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente. 0 que restou foram as memórias de um homem igual a tantos outros, o cauto e desfrutador Brás Cubas.

Quincas Borba

Quincas Borba é um filósofo-doido. Mais na segunda que na primeira parte. Criou uma filosofia: Humanitas. "Humanitas" é o princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível... Pois essa substância, esse principio indestrutível é que é Humanitas... " Uma guerra: duas tribos que se encontram, frente a frente, perto de uma plantação de batatas que só darão para sustentar uma delas. É a luta pelas batatas. Pela sobrevivência. A tribo que vence, ganha as batatas. "Ao vencedor, as batatas". Filosofia e sandice condimentam as lições de Quincas Borba.

0 filósofo tinha um cão: Quincas Borba. Pusera nele o seu próprio nome. Afinal Humanitas era comum para ele e para o cão. E não só: se morresse antes sobreviveria o oão. Um cão, meio tamanho, cor de chumbo, malhado de preto. Um filósofo assim tinha que acabar em... Barbacena. AI conheceu a Piedade, viúva de parcos meios, Era irmã de Rubião. Não se casou com o herdeiro. Rubião foi o melhor amigo e enfermeiro do filósofo.

Quando Quincas Borba morreu, numa incurável semidemência, na casa de Brás Cubas, no Rio, Rubião ficou rico, herdeiro universal do falecido filósofo. Herdeiro de tudo. Depois em breve pendência recebeu: casa na Corte, uma em Barcelona, escravos, ações no Banco do Brasil e muitas outras, jóias,

dinheiro, livros, a filosofia do morto e o seu cão Quincas Borba. A cláusula única do testamento era tratar bem o cão.

0 novo-rico muda-se para a Corte. Fica conhecendo o casal Palha e Sofia. E o pobre mestre-escola fica apaixonado por ela. Que olhos, que ombros, que braços!... Vinte e seis anos... Cada aniversário era um novo polimento dado pelo tempo. É bonita, sabe que é, e sabe mostrar-se. 0 marido gostava de mostrá-la a todos: vejam o que são as minhas e de se mostrar . E Sofia aprendeu logo e bem a arte se mostrar. Sofia seduz Rubião. Engana-o... Busca o dinheiro. Ganha presentes riquíssimos. O marido funda até a sociedade Palha e Cia.

É o dinheiro de Rubião que vai correndo. Muito depressa. A Sofia tem lá os seus desejos escondidos para com o galanteador Carlos Maria, Pobre Rubião! 0 dinheiro acabando, os amigos vão minguando, e a loucura vai chegando. Rubião passa pelas ruas aos gritos dos moleques (0 gira, ó gira...) certo que é Napoleão III . Metem-no num Sanatório. Rubião foge do sanatório do Rio e vai para Barbacena. Lá morre. E três dias depois encontraram o cão Quincas Borba, também morto, numa rua.

É o fim? Leitor: "eia, chora os dois recentes, se tens lágrimas.Se so tens risos, ri-te. É a mesma coisa. É outra crônica de fraquezas e misérias morais, concluída com uma filosofia desencantada, a filosofia do Humanitas: "Ao vencedoras batatas"... Uma súbita fortuna, uma paixão adúltera, ambições políticas acabam levando Rubião à loucura. Ele, que antes era um humilde mestre-escola, ingênuo e puro, envolve-se em um novo mundo, violento e agressivo. A fraqueza o destrói.

Narrado em 3a Pessoa. É o mais objetivo dos Romances de Machado. Análise psicológica de um homem Pobre que subitamente fica rico e a fortuna arrasta-o à loucura. E só a loucura salva Rubião do destino vulgar de vaidoso rico, explorado pelos que o cercam.

O Humanitismo: "Ao vencedor, as batatas", pode ser interpretado como uma paródia irônica ao positivismo e evolucionismo. Posições filosóficas dominantes na segunda metade do século XIX-. É uma caricatura do princípio da evolução e da seleção natural que, na época, saíam do campo

da biologia para impregnar a filosofia.

DOM CASMURRO

A própria personagem central, Bentinho, é que conta a sua história. Pincipia dizendo que está morando, sozinho, auxiliado por um criado, no Engenho Novo (Rio de Janeiro), em uma casa que ele mandara construir igual àquela em que passara a infância, em Matacavalos. Como vive isolado, os vizinhos apelidaram de Dom Casmurro, apelido que pegara. A história principia quando Bentinho já está com quinze anos e sua amiga de infância, Capitu, com quatorze.

Os dois crescem juntos e se estimam sinceramente. Dona Glória, mãe de Bentinho, viúva, tendo sido infeliz no primeiro parto, fizera a Deus uma promessa, se fosse bem sucedida no segundo parto, o filho seria religioso (padre ou freira, conforme o sexo) - Por isso, estava disposta a cumprir a promessa: Bentinho iria para o seminário.

À medida que o tempo passa e que a amizade de Bentinho e Capitu se transforma em namoro sério e apaixonado, a idéia do seminário vai-se tornando um grave problema para os dois, que buscam todas as maneiras de evitá-lo. Justina, prima de Dona Glória, que vivia em Casa desta, e a quem Bentinho suplica que interceda com a mãe em seu favor, se nega. José Dias, velho empregado da casa, muito estimado, diz que o problema não é fácil, pois o melhor é, antes, "aplainar o caminho". 0 próprio Bentinho, de índole tímida, tenta falar com a mãe, mas nem sequer consegue dizer-lhe o que quer. Capitu, e Bentinho perdem as esperanças de evitar o seminário. De qualquer modo, amando-se sinceramente, juram que, aconteça o que acontecer, se casarão. Bentinho irá para o seminário, mas ficará apenas algum tempo. Depois sairá e serão felizes.

No seminário, Bentinho trava conhecimento com Escobar, que se toma seu amigo e confidente. A vida agora transcorre entre os estudos eclesiásticos e as visitas semanais à sua casa. Escobar em conversa com bentinho, tem uma idéia: Dona Glória, rica que é, poderia cumprir a promessa de outro modo, isto é, custeando as despesas de um seminarista pobre, ficando Bentinho livre do seminário. A idéia vinga e Bentinho retoma à casa. Anos depois, já formado em Direito, casa-se com Capitu e começam uma vida repleta de felicidades. E essa

felicidade ainda se torna maior quando Escobar, que também saíra do seminário, casa-se com Sancha, amiga de Capitu.

As duas famílias visitam-se freqüentemente. Escobar e Sancha têm uma filha, à qual dão o nome de Capitolina (Capitu). A única tristeza (se é que se pode chamar tristeza) é não terem, Bentinho e Capitu, um filho. Por isso, fazem promessas e rezam continuamente. E o filho vem: um menino, a alegria dos pais. Chama-se Ezequiel. Escobar vem morar mais próximo de Bentinho e Capitu. Certo dia, Escobar se aventura nadando pelo mar agitado e morre afogado. Sancha retira-se para o Paraná, onde possuía parentes.

E a vida continua, feliz. Só uma coisa principia a preocupar cada vez mais seriamente a Bentinho: Ezequiel, à medida que vai crescendo, vai-se tornando uni retrato vivo do falecido amigo. Os mesmos traços, o mesmo cabelo, os mesmos olhos, o mesmo andar, até os mesmos tiques. A dúvida atormenta Bentinho, e uma infinidade de pequenas coisas que no passado haviam passado despercebidas começam a avolumar-se confirmando as suspeitas: Capitu o traíra. Um dia explode com Capitu, que não consegue encontrar meios de escusar-se. Pelo contrário, suas desculpas confirmam definitivamente a culpa. Bentinho leva a esposa adúltera? e o filho de Escobar para a Suíça, onde deles se separa. Tempos depois Capitu vem a falecer. Ezequiel, já moço, surge em casa de Bentinho: tornara-se a cópia do pai. Ezequiel não pára no Brasil e, participando de uma excursão no Oriente, também morre.

É o término do livro. Conclui Machado de Assis: "A minha primeira amiga e o meu melhor amigo, tão extremosos ambos e tão queridos, também quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me. A terra lhes seja leve"!

Narrado na primeira pessoa, Bentinho (D. Casmurro), propõe-se a "ATAR AS DUAS PONTAS DA VIDA". Ao evocar o passado, a personagem - narrador coloca-se num ângulo neutro de visão. Dessa maneira, pode repassar, sem contaminá-los, episódios e situações, atitudes e reações, acompanhadas apenas da carga emocional correspondente ao impacto do momento da ocorrência. Simultaneamente, opõe a esse ângulo de reconstituição do passado o ângulo do próprio momento da evocação, marcado pelo desmoronamento da ilusão de sua felicidade. Dessa forma temos uma dupla visão da experiência,

reconstituída em termos de exposição e de análise. A visão esfumaçada do adultério é um dos requintes do "Bruxo do Cosme Velho" (Machado). Parece inspirado no drama de Otelo, de Shakespeare.

CAPITU: "olhos de ressaca", "cigana oblíqua e dissimulada" é a mais forte criação de Machado. Com inalterada frieza e racionalidade calculada vai tecendo o seu destino e também o dos outros.

ESAÚ E JACÓ

É a história dos gêmeos Pedro e Paulo, filhos de Natividade, que desde o nascimento dos meninos só pensa num futuro cheio de glória para eles. À medida que vão crescendo, os irmãos começam a definir seus temperamentos diversos: são rivais em tudo. Paulo é impulsivo, arrebatado, Pedro é dissimulado e conservador - o que vem a ser motivo de brigas entre os dois. Já adultos, a causa principal de suas divergências passa a ser de ordem política - Paulo é republicano e Pedro, monarquista. Estamos em plena época da Proclamação da República, quando decorre a ação do romance.

Até em seus amores, os gêmeos são competitivos. Flora, a moça de quem ambos gostam, se entretém com um e outro, sem se decidir por nenhum- dos dois: é retraída, modesta, e seu temperamento avesso a festas e alegrias levou o conselheiro Aires a dizer que ela era "inexplicável". 0 conselheiro é mais um grande personagem da galeria machadiana, que reaparecerá como memorialista no próximo e último romance do autor: velho diplomata aposentado, de hábitos discretos e gosto requintado, amante de citações eruditas, muitas vezes interpreta o pensamento do próprio romancista.

As divergências entre os irmãos continuam, muito embora, com a morte de Flora, tenham jurado junto a seu túmulo uma reconciliação perpétua. Continuam a se desentender, agora em plena tribuna, depois. que ambos se elegeram deputados, e só se reconciliam ao fim do livro, com novo juramento de amizade eterna, este feito junto ao leito da mãe agonizante.

Narrado em terceira pessoa pelo o Conselheiro Aires. Há referências à situação política do Pais, na transição Império/República. É marcado pela ambigüidade e contradição. Pedro e Paulo são "os dois lados da verdade".

MEMORIAL DE AIRES

Este é o último romance do autor. Aqui, dois idílios são narrados paralelamente, ao longo das memórias do conselheiro Aires, personagem surgido em Esaú e Jacó: o do casal Aguiar e o da viúva Fidéfia com Tristão. Trata-se de um livro concebido em tom íntimo e delicado, às vezes repleto de melancolia. Nele Machado de Assis pôs muito dos últimos anos de sua vida com Carolina, falecida quatro anos antes da publicação. Não há muito que contar, senão pequenos fatos da vida cotidiana de um casal de velhos. 0 estilo é de extrema sobriedade, e o autor, já na velhice, pretendeu com este livro prestar um depoimento em favor da vida, ainda que em tom de mal disfarçada tristeza e até mesmo desolação.

Memorial de Aires (1908) opera um verdadeiro retrocesso na obra machadiana. Nele o romancista retorna à concepção romântica, mitigada pelo ceticismo risonho do conselheiro Aires. Ai se respira a mesma atmosfera dos seus primeiros romances: os seres são de eleição e a vida gira em torno do amor. Distingue-o, porém, e torna-a muito superior àqueles a mestria do ofício, o domínio do instrumento.

Como novidade, traz a forma de diário e o narrador não é onisciente; observa como simples comparsa os personagens principais, procura adivinhar-lhes o íntimo através de suposições próprias ou através de informações alheias - a dar alguma idéia do processo de Henry James, este, entretanto, muito outro, com outras intenções e de outra tessitura.